

O FESTIVAL VISTO DE FORA

Festival de Almada: o encontro indomável

Nos últimos meses habituámo-nos a estar dentro de limites. Durante semanas, habituámo-nos a ouvir numerosas hipóteses sobre o futuro do teatro depois da crise da covid-19. Durante semanas, o Festival de Almada concebeu a sua 37.ª edição, lançando mão da sua forte personalidade, construída com base na exigência e no rigor, e defendendo a sua convicção do teatro como serviço público. O seu público assim o determinou e, uma vez abertas as fronteiras, pudemos conjugar um dos nossos verbos preferidos relativos ao Festival: regressar a ele.

Tal como em anos anteriores, o primeiro fim-de-semana ofereceu um programa intenso, que deixa clara a vontade de o evento mostrar o diálogo intergeracional e partilhar um amplo leque de estéticas através da dramaturgia portuguesa e internacional. Destaco nesta edição a impecável e cuidada gestão do público e das companhias. Para além da ausência do Palco Grande, senti falta da Esplanada da Escola D. António da Costa: ausências que reflectem uma decisão responsável que acaba por desvelar a importância superlativa deste cenário de encontros espontâneos e conversas improvisadas, que prolongam a função teatral. A série de conversas organizada em colaboração com a APCT reforça durante a semana a vertente reflexiva e colectiva desta grande celebração estival do teatro.

Vanesa Sotelo, directora da Revista Galega de Teatro

ANTÓNIO SIMÃO, ENCENADOR E ACTOR DE *UMA SOLIDÃO DEMASIADO RUIDOSA*

A grandeza dos livros na vida dos pobres

“Para mim, estar no Festival de Almada num momento tão delicado da Humanidade, que muita gente não reconhece como tal, como também aconteceu na época de que fala este texto que encenei e interpreto, tem um enorme significado. Estamos num tempo em que alguém que tenha uma ponta de intelectualidade ou de simples pensamento humanista é desconsiderado, e desvalorizado. Só interessa saber como se está a comportar a economia”.

“Os Artistas Unidos formaram-se em 1995, mas oficialmente só um pouco mais tarde começaram a funcionar como Companhia. Este espectáculo foi criado nessa altura, e é uma adaptação de um texto de um autor muito grande da antiga Checoslováquia, o Bohumil Hrabal, que em Portugal não é tão conhecido quanto outros autores da hoje República Checa, como por exemplo o Milan Kundera, ou o Jaroslav Hasek, de quem a Companhia de Teatro de Almada fez *O valente soldado Schveik* [em 1994, com uma encenação de Jorge Listopad].”

A encenação de *Uma solidão demasiado ruidosa* surgiu da oportunidade criada por um ciclo de solos no Centro Cultural de Belém. “O Jorge Silva Melo recomendou-me este texto, eu li-o, e quis logo fazê-lo. Eu tinha acabado de sair da escola e queria começar a trabalhar, mas realmente deslumbrei-me com este texto, pois ele contém a chamada ‘praga mágica’, isto é, uma imaginação barroca



António Simão

que existe na literatura do Leste europeu, que é uma literatura sobre a desgraça, a pobreza, a miséria, mas que procura [e encontra] a beleza.”

“O livro de Hrabal tem tanto de triste como de cómico, com aquele imaginário culto sobre a plebe que também encontramos no universo de Emir Kusturica, ou no de Fellini, embora numa cultura de uma outra latitude. São autores que narram a grandeza dos pobres.”

Homenagem aos livros, e ao que representam na vida de quem convive com uma realidade que está longe de ser agradável – a guerra, os regimes fascistas e proto-fascistas, a censura, etc. –, o espectáculo demonstra a que ponto os escritores, os pensadores e os poetas são os melhores amigos do homem subjugado pela realidade violenta dos tempos mais sombrios. “A minha personagem trabalha numa cave”, um espa-

ço que tem um valor simbólico mais alargado, e remete não apenas para os subterrâneos dos lugares em guerra mas também para as moradas da pobreza – que em Portugal tem os seus análogos tascos escuros e anexos clandestinos.

Quando começou a fazer este espectáculo, António Simão apoiou-se “sobretudo no trabalho performático do actor. Havia uma partitura física que era tão grande ou maior que a partitura vocal. Marcações do corpo, sim, quase como o trabalho do bailarino.” Essa dança alterou-se substancialmente com o envelhecimento do actor, “porque eu agora tenho uma idade mais próxima da da personagem, e por isso o espectáculo é já outro”, transformado pelo corpo que se transformou. Prova de quanto o teatro é mesmo uma arte viva, que se transforma com a metamorfose biológica dos actores.

Sarah Adamopoulos

A tragédia contemporânea por Nuno Cardoso

Ontem, no dia em que *Castro* iniciou carreira no Festival, tivemos o redobrado prazer de receber também o seu encenador nos Colóquios na Esplanada. A conversa com Nuno Cardoso, o actual director artístico do Teatro Nacional São João, centrou-se nas escolhas cenográficas e na abordagem contemporânea da tragédia, que contrastam com o seu imaginário e com o próprio texto, fiel à versão original do século XVI, escrita por António Ferreira.

Desmontou-se a ideia por detrás do dispositivo cenográfico que acolhe a peça, uma casa moderna onde podemos ver todas as divisões, que se deve ao facto de o elemento *casa* ser uma espécie de "bilhete de identidade do português", à semelhança dos mitos fundacionais.

Teresa Albuquerque, que moderou o colóquio, lançou uma reflexão sobre o jogo permanente de paradoxos, como o de um amor intenso (D. Pedro I e Inês de Castro) mas impossível, ou de

um rei que é soberano (D. Afonso IV) contudo cativo. À luz desta história passada, Nuno Cardoso explorou a actualidade de *Castro* e a forma como nos podemos relacionar com ela: as nossas tragédias familiares, que se passam nas nossas casas, ou a absoluta clausura que infligimos a nós próprios, por sermos "eternamente cativos de algo". O encenador quis transmitir a importância das palavras, "sobretudo as dos outros", que sempre o acompanharam, criando uma ponte para mostrar que as palavras em *Castro*, "complexas e infinitamente interessantes", são contemporâneas.

Castro continuará em cena até domingo 12, na Sala Principal do TMJB.

Os colóquios retomam na próxima segunda-feira, dia 13, com o director artístico do Festival de Almada, Rodrigo Francisco, que estará presente na esplanada do foyer do TMJB na qualidade de encenador de *Mártir*.

S.P. com S.A.



Teresa Albuquerque e Nuno Cardoso. Em baixo, o público do colóquio de ontem



Cenário de *Castro*, que ontem iniciou carreira no Festival

© Luana Santos

HOMENAGEM

Um Quixote para Rui Mendes

A homenagem do Festival de Almada a Rui Mendes decorre amanhã, sábado 11 de Julho, na Sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite, imediatamente antes do espectáculo *Castro* pelo Teatro Nacional São João. Para além do homenageado deste ano, intervirão na cerimónia Rodrigo

Francisco, Beatriz Batarda, Eugénia Vasques e Inês de Medeiros, presidente da Câmara Municipal de Almada. Rui Mendes receberá um troféu que consiste numa reprodução do símbolo da Companhia de Teatro de Almada: um Dom Quixote, da autoria do artista plástico Jorge dos Reis.



© Rui Carlos Mateus

FICHA TÉCNICA

Direcção Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | **Textos** Sarah Adamopoulos (edição) e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura) | **Fotografia** Luana Santos e Rui Carlos Mateus | **Paginação** Joana Azevedo e Rosa Castelo
Apoio à produção editorial Ana Patrícia Santos | 2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

AGENDA DE AMANHÃ

TEATRO

18:00

O Mundo é redondo
Fórum Romeu Correia

18:00 e 22:00

Uma solidão demasiado ruidosa
Incrível Almadense

18:00 e 22:00

Turma de 95
Teatro-Estúdio António Assunção

21:00

Viagem de Inverno
Centro Cultural de Belém

21:00

Castro
Sala Principal do TMJB

21:30

By Heart
Academia Almadense

RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE

- Salada de feijão frade com atum
- Fusili com salsichas picantes e cogumelos

AMANHÃ

- Carapaus fritos com salada russa
- Frango à moda marroquina

